

De Alfredo Pimenta e do centenário do seu nascimento em Guimarães

Não cheguei a conhecer, pessoalmente, Alfredo Pimenta. No entanto (não me lembro de momento, porquê), chegámos a car-tear-nos, ainda que pela medida pequena, relativamente. Dessa curta permuta epistolar, porém, ficou-me a certeza de que o espírito desse homem que, há cem anos, veio ao Mundo na cidade onde Portugal nasceu, era um dos mais lúcidos e dos mais fecundos que jamais actuaram e resplandeceram neste país onde os grandes e belos espíritos nem sempre conseguem salientar-se e impor-se.

Vem a propósito acentuar que comecei a interessar-me por Alfredo Pimenta, então conservador do Arquivo Nacional da Torre do Tombo e no auge do seu extraordinário surto cultural, por algo que tinha muito mais de negativo que de positivo. Não lera ainda uma só das suas muitas páginas de livro, mas já lera muitas das suas doudas considerações sobre «Cultura Estrangeira — Cultura Portuguesa», que o «Diário de Notícias», de Lisboa, vinha publicando, desde 1923. Creio, mesmo, que foi um desses admiráveis artigos culturais que motivou a primeira carta que lhe endereecei e à qual, pronta e amavelmente, respondeu. Foi ao tempo dessa colaboração sua naquele matutino lisbonense que, era eu um rapazinho curioso assaz encaminhado para as letras pela via jornalística, comecei a inteirar-me de que Alfredo Pimenta era não só um jornalista mas também um escritor maldito... Foi esse aspecto negativo (chamo-lhe assim, por comodidade de expressão) da sua personalidade intelectual que determinou o meu especial interesse por Alfredo Pimenta.

Por que diabo — interrogava-me — se fala e escreve tão acrimoniosamente de um homem de letras que tão plausivelmente se conduz pelas sendas literárias? Não tardei muito a dar com o busílis da questão. Alfredo Pimenta era um escritor (e um jornalista) maldito por causa da política que professava e das ideias que defendia. Toda a má vontade, toda a aversão, todo o ódio, até, que sobre ele

se derramavam a flux tinham uma razão de ser puramente ideológica. Alfredo Pimenta começara por ser republicano e acabara por ser monárquico, segundo me haviam dito. Esse trânsito ideológico não lhe fora perdoado, como se ao ser humano não fosse lícito deixar de ser monolítico e inamovível nas suas ideias e nos seus sentimentos...

Se não estou em erro, a primeira obra em livro de Alfredo Pimenta que li foi a intitulada “Estudos Filosóficos e Críticos”, datada de 1930 e seguida, em 1935, de “Novos Estudos Filosóficos e Críticos”. Metódico para consigo próprio e para com a sua própria obra, o escritor seriava toda esta em seis rubricas, assim designadas: “Filosofia Política”, “Polémica”, “Filosofia”, “História”, “Crítica” e “Arte”. Qual dessas seis rubricas era a mais importante na vasta obra literária de Alfredo Pimenta? De um ponto de vista literário propriamente dito, talvez aquela que designava por “Arte”, precisamente a sexta e última da série e na qual se incluíam os seus livros de poesia: “Na Torre da Ilusão”, poemas (1912), “Alma Ajoelhada”, poemas (1914), “O Livro das Orações”, sonetos (1916), “Paisagem de Orquídeas”, poemas (1917) “O Livro das Sinfonias Mórvidas”, poemas (1921), “O Livro das Quimeras”, poemas (1922), “Coimbra”, poema (1922), “O Livro da Minha Saudade”, poemas (1923), “Poemas em Prosa” (1924). De toda esta colectânea poética só conheço dois ou três livros, mas desejo (e espero) não morrer sem conhecer os demais. Permito-me, no entanto, observar que raros poetas portugueses, mesmo dos formados, como Alfredo Pimenta, pela Universidade de Coimbra, terão sentido e compreendido tão bem como ele sentiu e compreendeu a “Alma Mater” que inspirou, porventura, os maiores e melhores poetas de Portugal, desde um Luís de Camões até um António Nobre. A sua “Coimbra” o prova, por a+b.

Depois de ler os “Estudos Filosóficos e Críticos” e os “Novos Estudos Filosóficos e Críticos”, logo percebi porque se levantara contra o autor um verdadeiro tufão de crítica implacável. Contudo, dei razão a Ricardo Jorge, que, no seu prefácio, disse serem aqueles “um curso magistral de lições didácticas e críticas”. Parece-me indispensável ler esse prefácio lapidar para bem se conhecer a idiocrasia intelectual de Alfredo Pimenta. Não reluto em aceitar como curial a opinião de que o polemista, como o panfletário, era um lutador tão duro como truculento na defesa dos seus juízos críticos e no ataque às opiniões adversas. Lembro-me, a propósito, das suas polémicas com o prof. José Maria Rodrigues, por causa dos amores

de Camões, e com o dr. Duarte Leite, por causa do Infante D. Henrique, ambos paradigmas do género. Se a violência do polemista se compaginava com a do panfletário, parece-me evidente, lendo, ainda que só parcialmente, como eu, a obra do polemista e do panfletário, que a inteligência do grande prosador não lograva abafar e, muito menos, anular a sensibilidade do grande poeta que ele era.

Nasceu Alfredo Pimenta numa cidade em que eu gostaria de ter nascido, se não tivesse visto, pela primeira vez, a luz do dia no Porto. Guimarães, para um nacionalista puro e nobre de tão forte e inabalável portuguesismo como ele, era, na verdade, a terra ideal para ele nascer. Bom vimaranense, tendo sido, mesmo, director do Arquivo Municipal de Guimarães, o insigne homem de letras estava *en su salsa*, como dizem os espanhóis, para se dedicar, como se dedicou, à terra natal, ilustre entre as mais ilustres. Na sua bibliografia, figura uma monografia, intitulada “Guimarães”, que não conheço senão “de nome”, mas que suponho esgotar um tema que ninguém melhor do que ele estaria em condições de desenvolver. Motivado pela cidade gloriosa de que foi cidadão eminente, salienta-se, também, na sua bibliografia, um trabalho inserto na rubrica “Pólémica”, intitulado “Os Vimarans Monumenta Historica e a Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Guimarães” e datado de 1936, que tão-pouco é do meu conhecimento directo. Na rubrica “História”, como é natural, Alfredo Pimenta, além da monografia citada, enriquece a sua bibliografia com trabalhos como “A Fundação e Restauração de Portugal”, “Os forais medievais vimaranenses”, “Três documentos afonsinos” e outros que atestam bem o apego exemplar do erudito historiador à sua Guimarães bem amada.

Não foi, porém, a cidade natal de Alfredo Pimenta, que não sei se bem retribuíu (amor com amor se paga) o amor extremo desse grande vimaranense (se não o fez, está muito a tempo de o fazer, pois nunca é tarde para prestar justiça a quem a merece), que mais se fez notar na agitada existência literária dessa figura tão singular como controversa. O que mais notabilizou Alfredo Pimenta, apontando-o à admiração de uns e à execração de outros, foi o modo por que o escritor encarou, talvez mais subjectiva que objectivamente, determinados aspectos das nossas realidades culturais e, sobretudo, políticas. Daí, a guerra sem quartel que lhe moveram e na qual se bateu com o denodo e a coragem de um exemplar conterrâneo do primeiro monarca português. Alfredo Pimenta foi, na contenda épica em que as suas opiniões pessoais o fizeram actuar, brandindo o montante de

Afonso Henriques, um afonsino perfeito. Estou a lembrar-me de «Os meus “Elementos de História de Portugal” e a Crítica», vindos a público em 1935, bem como de “Polémica Histórica” (1936), que bem pode dizer-se terem aberto um sulco flamejante na selva densa da polémica portuguesa. Não sei de polemista nacional que tenha desferido golpes tão certos e tão demolidores como aquele cujo centenário do nascimento motiva este número do “*Boletim de Trabalhos Históricos*”.

É esse, obviamente, o Alfredo Pimenta de que mais se fala. Para meu gosto pessoal, gostaria de que se falasse mais do poeta extraordinário que ele foi — e que está, praticamente, esquecido. Que está, pelo menos, postergado pelos poetastros modernistas que sabem tanto de autêntica poesia como eu sei de lagares de azeite, mas que uma crítica imbecil arvorou em novos deuses do nosso Olimpo “*fin de siècle*”... Por isso, prestando a minha homenagem sincera à personalidade inteira de Alfredo Pimenta, presto-a, sobretudo, ao Poeta que fez Poesia como, hoje, infeliz e geralmente, não se faz.

Hugo Rocha